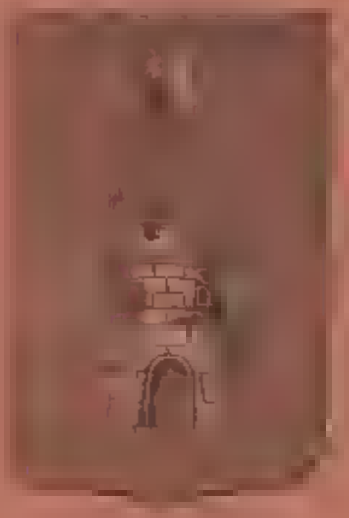
O ORIENTE PORTUGUEZ

REVISTA DA COMMISSÃO ARCHEOLOGICA

DA

INDIA PORTUGUEZA



Volume II
N.º 10

1905
Junho

IMPRENSA NACIONAL

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Alberto Osorio de Castro, Procurador da Corôa e Fazenda.

J. A. Ismael Gracias, Professor do Lyceu Nacional

SUMMARIO

Do n.º 6

I — OS ULTIMOS ENFORCADOS (conclusão), por *J. A. Ismael Gracias.*

II — O ARCEBISPO D. FR. MANUEL DE SANTA CATHARINA, por *J. M. do Carmo Nazareth.*

III — ANTIGUIDADES PORTUGUEZAS EM BAÇAIM, por *J. B. Amaucio Gracias.*

IV — OSSADAS DE PORTUGUEZES NA CIDADE DO CABO, (duas cartas).

V — JURAMENTO ENTRE OS HINDÚS DE GOA, por *Purxotoma Sinay Bobó* e *Caculó.*

VI — GALERIA LAUDAR NO MUSEU REAL DA INDIA PORTUGUEZA (continuação), por *J. M. do Carmo Nazareth.*

VII — UM MS. CURIOSO.

OS ULTIMOS ENFORCADOS

(Conclusão do n.º antecedente e da pag. 194).

V

Para completar a relação que vimos fazendo, só resta saber precisamente o logar onde se realisou a execução. O articulista do *Boletim* não o menciona; o officio de 23 de janeiro ao director da fabrica de polvora diz «que a forca se ha de erigir neste Pangim, defronte da casa da moeda», ao passo que os de 24, ao presidente da commissão da Misericordia e ao parocho de Pangim, declaram estar a forca «erigida no campo de Minerva», e esses dois locaes são entre si bem differentes e distantes. Nem achamos documento posterior que nos dê segura indicação. Devemos, porém, crêr que a execução tivesse tido logar no «campo de Minerva» — o conhecido campal — e assim nos asseveram dois contemporaneos (1).

Não vá sem reparo o lapso de penna com que, nos citados officios, se deu ao local o nome de «campo de Minerva», e não o de «campo de D. Manoel», como, poucos annos antes, em 1838, fôra officialmente denominado — e com toda a justiça — por ordem do governador Barão de Sabroso, para se honrar e perpetuar assim o nome do fundador de Pangim-cidade, o vice rei D. Manoel de Portugal e Castro (2). E já que fallamos de Pangim-cidade e no seu benemerito fundador, não nos esqueça que o primeiro que pensou na transferencia da capital da India Portugueza para Pangim,

---

(1) O sr. Sylvestre de Sousa, compositor-mór aposentado da Imprensa Nacional, é um ancião illustrado que sabe muito das antiguidades de Pangim,— e o mencionado alfaiate J. M. da Silveira.

(2) Portaria de 4 de abril de 1838, *Boletim do Governo* n.º 21.

foi o Conde de Sandomil. Propunha este infeliz vice-rei á côrte, com muito bons argumentos, que a nova cidade se extendesse desde Pangim até á ponta do Cabo (1); e, se D. Manoel de Portugal e Castro a confinou aos limites de Pangim, os seus successores, desde o Conde de Torres-Novas, foram insensivelmente realisando o pensamento do Conde de Sandomil. E, pelo visto, crêmos que, mais dia, menos dia, será necessario alterar o já citado alvará de 22 de março de 1843.

Mas, onde era a cadêa e a casa da moeda, de que fallam os officios de 22 de janeiro? — perguntar-nos ha certamente o leitor curioso, que, de ha muito, não vê em Pangim nem uma, nem outra. Bem cabida é tal interrogação porquanto, depois das successivas, e, em varios pontos, radicaes transformações por que tem passado o primeiro bairro da cidade de Nova-Goa, — depois das frequentes mudanças de algumas repartições e estabelecimentos publicos, — e, tambem, do oceano de nomes com que se têm baptisado, desde Lopes de Lima até aos nossos dias, as suas ruas e praças, não é actualmente facil, e de futuro será mui difficil identificar muitos logares do velho Pangim, e fixar a sua toponymia.

Queira, leitor amigo, se quer uma resposta, e se lhe agradam antigálhas, acompanhar-nos em brevissimo passeio, tomando por ponto de partida o palacio do governo, o *fortim de Pangy*, que, se resuscitassem, — não diremos o Idal-Khan ou Affonso de Albuquerque, mas apenas governadores d'uns trinta annos atraz, por exemplo, o general Tavares d'Almeida ou o Visconde de Sergio de Sousa, aqui fallecidos — mal poderiam hoje reconhecer, tantas e tão profundas as modificações que tem tido. Vamos, ao arrepio dos tempos, atar o élo de cousas esquecidas, ou que vão esquecendo. Ponto está que o façamos bem.

VI

Saiámos do largo do palacio, hoje largo do Infante D. Affonso, e sigamos para léste, pela rua D. João de Castro, a velha rua da cadêa.

A poucos passos, vêmos o novo edificio dos correios, telegraphos e telephones, que se levantou entre 1891-92,

(1) Officio á côrte, de 15 de janeiro de 1738, no *Chronista de Tissuary*, vol. IV, pgs. 92-94.

sobre as ruinas da cadêa, que déra o nome á rua, e que foi demolida até aos alicerces. Essa cadêa havia substituido, por sua vez, o deposito do fardamento e o quartel da companhia de granadeiros, a cuja frente cahiu, no dia 15 de julho de 1822, trespassado de bayonetas o mallogrado brazileiro Luis Prates... Foi transformada em casa de prisão (1), dando n'ella entrada, em 14 de abril de 1833, os presos que se achavam dispersos pelos antigos troncos de Velha-Goa, Rachol e Bardez, e sahindo em 7 de março de 1891 os do tempo, para a nova cadêa de Santa Ignez, construida no governo do general Vasco Guedes. O facto mais notavel durante os seus 58 annos, foi a ruidosa evasão, em massa, de 45 salteadores, ranes e outros gentios, ali presos, na manhã de 3 de setembro de 1874, dia em que, por signal, cahiu a celebrada thirta hindú de Naroá. E' d'essa velha cadêa que sahiu o lugubre prestito para a execução de 1843.

Continuémos e quedémo-nos defronte da capella de S. Thomé, monumento da piedade dos antigos pedreiros de Pangim (2), e dos modernos devotos do Apostolo de

(1) Para servir de cadêa, a casa foi vendida pela Fazenda ao Senado da camara das Ilhas por 8831 x.^{s}, 2 tg.^{s} e 40 rs., importancia que se descontou na divida que a Fazenda tinha ao Senado (Ass. da Junta da Fazenda, de 14 de novembro de 1829, L.^{o} respectivo n.^{o} 2, fl. 103,— Archivo da Fazenda).

(2) No antigo frontispicio da capella de S. Thomé existia sobre a porta principal uma lapide com a seguinte inscripção, que trasladámos em 1881 e publicámos no *Almanach Recreativo* para o anno de 1881, do sr. M. J. Corrêa da Silva, pag. 98:

Esta capella do glorioso S. Thomé Apostolo fora fabricada pelos pedreiros desta cidade de Nova-Goa frente a rua 4 d'abril e dahi foi demolida e fabricada novamente no local do largo d'estanco no anno de 1849 por ordem do Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Ex-Governador Geral deste Estado José Ferreira Pestana fazendo a entrega do cofre da mesma capella aos indicados pedreiros para administrar, e foi benta aos 8 de julho do dito anno para nella haver o st.^{o} sacrificio da missa, e para constar ao publico se fez este.

Em 1902, quando se reconstruia a capela, na demolição do frontispicio cahiu a lapide e partiu-se, não tendo sido porisso collocada em o novo frontispicio.

ver e crêr, sem nos voltarmos para a casa fronteira, da qual poderia, á ligeira evocação, destacar-se, bem vivo, o mosaico gracioso de segredos, combinações e intrigas eleitoraes dos nunca esqueciveis tempos, em que n'ella residiram, successivamente, dois desembargadores-maiores, creadores e directores espirituaes de dois fortes partidos politicos de Goa.

O largo que para logo se rasga, denominado em 1878 largo de S. Thomé, e recentemente largo Bartholomeu Dias, chamava-se até áquelle anno largo do estanco, em razão de ser limitado ao sul por uma casa terrea onde funccionou, emquanto existiu, o estanco dos tabacos, casa que, após varias modificações e serventias, passou a ser, e é ainda o quartel de policia. Ao norte o largo terminava n'um mesquinho bazar de fructas e hortaliça, e a léste na «casa da moeda». E' a que pertence hoje ao sr. dr. Miguel Caetano Dias que a modificou e melhorou bastante. A porta principal olhava para o sul, hoje tapada, mas sobre a qual ainda se pode vêr uma lapide da pedra preta com a seguinte inscripção:

CAZA DA MOEDA

1834

Foi o mencionado vice-rei D. Manoel de Portugal e Castro, que desejando melhorar a cunhagem, então em decadencia, da moeda em Goa, e obtemperando ás indicações d'uma commissão competente, que para este fim havia nomeado, para ali transferiu em 1834 a casa da moeda, que, por essa época, funccionava em Panelim n'um armazem conjuncto á casa de polvora, por baixo das enfermarias do antigo hospital militar (1).

(1) A commissão, de que se trata, foi nomeada pelo vice-rei em portaria de 30 de julho de 1828. O relatorio tem a data de 2 de julho de 1832, e é um documento importante para a historia da numismatica indo-portugueza. Encontra-se no L.º das *monções* da secretaria do governo, n.º 210, a fl. 454—485. Os documentos que, sobre essa transferencia, pudemos achar no archivo da secretaria geral são:

1 — Officio do vice-rei D. Manuel de Portugal e Castro ao escrivão da Junta da Fazenda Real, Manuel Ignacio de Sousa e Andrade — 22 de Janeiro de 1833. Diz que, em conformidade com o relatorio citado, deve a casa da moeda ser transferida para Pangim. Tendo-se mandado proceder pelo tenente-coronel d'engenheiros, Francisco Anto-

E' no largo do estanco, defronte d'essa casa da moeda que fôra enforcado, em 19 de abril de 1841, Eleuterio Mariano Rebello. Talvez teria sido, por este motivo, escolhido o mesmo logar para a execução de 1843, como se quiz aproveitar do mesmo carrasco, resolvendo-se depois fazêl-a no campo de D. Manoel.

Se ainda tem paciencia para investigações, ouça-nos,

---

tonio de Lemos, ao orçamento das obras d'uma casa apropriada, foi apresentado um orçamento na importancia de 30.936 xs., 1 tg. e 13 rs. Em vista d'isto e por economia, parece ao vice-rei, que se pode comprar as casas grandes que foram do coronel engenheiro Francisco Augusto Monteiro Cabral, pertencentes, ao tempo, a sua filha D. Anna Francisca Monteiro Cabral, avaliadas pelo juiz dos feitos, João José de Sousa Miranda Henriques, em 7.150 xs. livres. Communica se tudo isto para ser presente á Junta da Fazenda, para ella realisar a compra com as formalidades do estilo, — L.º de *cartas e ordens*, n.º 96, fl. 58. Os documentos que seguem são tambem assignados pelo mesmo vice-rei.

2 — Portaria de 23 de março de 1833 — Tendo importado em 5.308 xs., 2 tgs. e 18 rs o orçamento das obras a fazer no edificio destinado para casa da moeda, e não havendo no thesouro o numerario preciso, determina que essa despeza se faça pelo remanescente das licenças registadas, pagando-se semanalmente, — cit L.º, fl. 93 v.

3 — Officio ao tenente-coronel Lemos — 26 de março de 1833. Remette a copia da P. supra e manda que sob sua inspecção faça as obras, sem ser por arrematação, — cit. L.º, fl 96.

4 — Outro officio ao mesmo — 21 de maio de 1833 Tendo julgado mais conveniente que, em vez das casas de Monteiro Cabral, sirvam para a casa da moeda as que pertenceram a João Baptista Goethalis, e ora são da Real Fazenda, manda fazer o orçamento das obras necessarias para esse fim, — cit. L.º, fl. 118. Não se deve confundir essas casas com as outras casas de Goethalis ou Godal, que existiam, ainda ha poucos annos, no local em que hoje está o edificio da Direcção das obras publicas.

5 — Officio ao referido escrivão da Junta da Fazenda, — 5 de junho de 1833 — Remette o orçamento feito pelo tenente-coronel Lemos para a adaptação da casa de Goethalis á casa da moeda, para a J. F. deliberar sobre o assumpto, — L.º cit. fl. 131.

6 — Portaria de 22 de fevereiro de 1834 Approva o novo regimento da casa da moeda, — L.º de *cartas e ordens* n.º 97, fl. 64.

7 — Officio ao tenente-coronel Lemos — mesma data. Participa-lhe que o nomeiou n'esta data provedor da casa da moeda, — L.º cit., fl. 64 v. O antecessor foi o chanceller da Relação, M. F. Lousada d'Araujo Azevedo, pois a esse cargo era por lei era annexo o de provedor da casa da moeda.

8 — Outro officio ao mesmo — 26 de setembro de 1834 — Diz que no 1.º de outubro subsequente devem os empregados da casa da moeda começar a exercer as suas funcções, e que desde esse dia se lhes contarão os respectivos vencimentos, — L.º cit., fl. 164

leitor benevolo, que não acabou a chronica da casa da moeda de Pangim.

Em 1841 deixou de o ser, por ordem do governador Lopes de Lima, que transferiu o estabelecimento para as casas da antiga contadoria da fazenda dentro do arsenal de Goa. De 1841 a 1863 passa um largo periodo durante o qual o edificio foi occupado para varias serventias de officio publico. Em 25 de abril de 1863 a fazenda publica houve por bem vendêl-a por 18.020 xerafins a Antonio Ignacio da Silva, natural de St.ª Cruz, e funccionario britannico aposentado (1). A. J. da Silva arrendou a sua casa para a repartição do telegrapho inglez, que ahi funccionou desde 7 de fevereiro de 1865 até 29 de novembro de 1902. E, porfim, venderam-n'a os seus herdeiros ao actual proprietario.

E quem a conhece hoje como «casa da moeda»?

Terminemos a digressão que poderiamos prolongar, esmiuçando mais algumas cousas; mas basta por hoje.

VII

Narana Lal, machim de Damão, accusado junto com outro, de nome Morar Givane, que falleceu durante o processo, de terem assassinado com premeditação e roubo, os ganchins (azeiteiros) Ibramo Dagy e seu filho Mamod Ibramo, foi condemnado na pena capital em 25 de janeiro de 1856 (2).

Mezes antes, haviam sido condemnados em egual pena Naniam Morá Uxetim Indio Budéa, pelo crime de morte de Lacio Uxetim, ambos da Nagar-Avely (3), e bem assim José Sebastião Vás e José Salvador Barreto, accusados de terem assassinado, em a noite de 20 de setembro

(1) Por esse tempo carecendo a Fazenda d'um edificio para a imprensa nacional, que estava na casa dos Camotins, chamada da Feitoria, a oéste do largo das Columnas, hoje largo do Governador Galhardo, comprou com esse dinheiro e com o necessario supplemento, a casa de Antonio Pereira. Aqui trabalhou a Imprensa até 1875 em que a casa foi adaptada a paço archiepiscopal, tendo sido cedido em 18 de abril de 1894 para collegio das Trinas, depois que se construiu no planalto da Conceição o novo paço.

(2) Accordam da Relação de Nova-Goa, *Boletim do Governo* n.º 41.

(3) Accordam da Relação de Nova-Goa, de 9 d'outubro de 1855, cit. *Boletim* n.º 15 de 1856.

de 1852, o curumbim Pedro o pequeno, todos tres de Loutulim, concelho de Salsete (1).

Subindo todas estas condemnações á resolução do poder moderador, foi com o voto do Conselho d'Estado, reunido em 8 de janeiro de 1857, commutada a pena, por decreto de 14 do mesmo mez e anno, sómente aos réus Naniam Morá, Barreto e Vás, em trabalhos publicos por toda a vida; mas, quanto a Narana Lal, foi enviada ao governador geral da India a seguinte portaria:

«Tendo sido presente a Sua Magestade El-Rei, com o officio do Procurador da Corôa e Fazenda do Estado da India, de 13 de julho do anno findo, a copia do accordão da Relação, de 25 de janeiro do mesmo anno, pelo qual foi condemnado á pena ultima o réo Narana Lal, pelo crime de assassinato com premeditação e acompanhado de roubo, Manda o mesmo Augusto Senhor participar pela Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, ao Governador Geral do referido Estado para seu conhecimento e devidos effeitos, que não Houve por bem usar da sua Real Clemencia para com o mencionado réo.— Paco em 19 de janeiro de 1857.— *Sá da Bandeira* — (2).

Disse um escriptor contemporaneo, n'uma noticia biographica de D. Pedro V, trabalho elegante de forma e cheio de sympathia pelo mallogrado rei, que este recusára sempre a confirmação da pena de morte (3). Simples engano em que modernamente outros têm cahido. O caso de Narana Lal foi, porém, o unico durante o reinado d'aquelle esclarecido monarcha, que justamente Pio IX denominava apostolo, e Alexandre Herculano um santo, devendo attribuir-se a ingrata excepção á atrocidade do crime e á unanimidade de votos no Conselho d'Estado, para se cumprir a sentença (4).

---

(1) Accordam da Relação de Nova Goa, de 13 d'outubro de 1855 cit. *Boletim* n.º 17 de 1856.

(2) Não foi publicada no *Boletim*. Está no archivo da secretaria geral.

(3) *Reinado e ultimos momentos de D. Pedro V*, por J. M. de Andrade Ferreira, pag. 33.

(4) No *Conimbricense*, n.º 5.052 de 25 de fevereiro de 1896, publicou o seu illustre fundador e redactor, Joaquim Martins de Carvalho, um artigo intitulado *Execução de pena de morte*, no qual se lê o seguinte:

«Por muito tempo foi crença geral de que no reinado de D. Pedro V não tinha havido execução alguma de pena de morte.

Como o accordão de 25 de janeiro de 1856 determinasse, já o notámos, que a execução tivésse logar «na forca do territorio do juizo em que se instaurou o processo», assim se mandou cumprir. E como o governador da praça de Damão informasse não haver n'ella executor de alta justiça, foi mandado de Goa o cafre Francisco Manoel (1) que estava no Arsenal, quem sabe se o mesmo que havia servido para as execuções de 1841 e 1843. Francisco Manoel e Narana Lal, que se achava na cadêa de Pangim, seguiram ambos para Damão, a 7 de abril, no mesmo barco — a galia *Illustre Portugal e Castro* (2). Que amarissimos

---

«Ainda ultimamente um nosso estimavel collega de Lisboa mostrava estar n'essa crença.

»Pois não é assim. Houve uma execução n'esse reinado.

»Nana Lalá, da India Portugueza, foi condemnado á morte pelo crime de homicidio com premeditação e roubo, sendo a sentença confirmada pela relação de Goa, em 25 de janeiro de 1856.

«A sentença, vindo para Lisboa, foi presente ao conselho de estado, presidido por el-rei D. Pedro V em 8 de janeiro de 1857, e assistindo a elle todos os ministros.

»Foram conformes os votos para que se cumprisse a sentença, e o conselheiro de estado, que servia de secretario, escreveu no processo as seguintes palavras — *Cumpra-se a sentença*».

Não obstante esta asserção feita por um jornalista muito sabedor, ainda mezes depois, em julho de 1896, um jornal de Lisboa, censurando a portaria dos fuzilamentos, do commissario régio na India, Neves Ferreira, escrevia as seguintes inexactidões:

«Ainda ha annos quando a pena de morte já estava abolida entre nós, foi enforcado em Goa um tal Nana Lala, em virtude d'uma ordem do governador geral. Como n'esse tempo ainda os homens dignos eram chamados aos conselhos da corôa, o duque de Loulé, que então era o presidente do gabinete, demittiu immediatamente o feroz governador e fêl-o responder pelo crime que havia commettido»!

(1) O officio da secretaria geral, de 6 de abril de 1857, participando ao governador de Damão que a bordo da galia seguiam o réu e o carrasco requisitado, não menciona o nome d'este, que soubemos pelo sr. Francisco João Jacob Coutinho, respeitavel ancião damanense, o qual encontrou na respectiva repartição de fazenda uma requisição feita, em 7 de maio de 1857, pelo carcereiro, de subsidio para a alimentação do «carrasco Francisco Manoel».

(2) Esta embarcação, construida no governo do vice-rei D Manoel de Portugal e Castro, entrava no numero de vasos de guerra do Estado; foi reformada no governo do Visconde de Torres-Novas, mudando-se-lhe então o nome em *Galia Illustre Visconde de Torres Novas*. O seu fim era transportar os destacamentos militares e os funccionarios publicos, de Goa a Damão e Diu, e vice-versa. O capitão denominava-se *Sarangue*. *Sarangue* ou melhor *Sarhang* é uma palavra persa que significa capitão d'um barco; compõe-se de *Sar* cabeça, e *hang*, exercito etc.

dias— e foram muitos, porque o barco seguiu directamente para Diu d'onde tocou, de regresso, Damão — não teria passado durante a viagem o infeliz Narana Lal, vendo a todo o momento o seu proximo algoz?! — Como o não teria flagellado cruelmente o permanente espectro do carrasco que, em nome da lei e da justiça, o havia de sacrificar, a breve trecho, á vindicta social?! ... Que ingratissima companhia!!

VIII

A execução de Narana Lal teve logar em 5 de maio de 1857. Damos a seguir a sua participação official que é bem pormenorisada, e os assentos de baptismo e obito do infeliz justiçado que, á ultima hora, se havia convertido ao catholicismo.

Eis textualmente o officio do governador de Damão, ao governador geral:

«Ill.mo e Ex.mo Sr.—Cumpre-me levar ao conhecimento de V. Ex.ª que, tendo chegado no dia 3 do corrente a esta Praça o réo Narana Lal, sentenciado a morrer enforcado, o mandei recolher á prisão segura e pôr á disposição do juiz para mandar executar a referida sentença; e que pelas 5 horas da tarde do citado dia, o referido juiz lhe mandou pelo respectivo escrivão intimar a sentença, pelo que entrou no oratorio no dia 4 pelas 6 horas da manhã.

«Immediatamente officiei ao prior e vigario da vara e ao vigario da freguezia de Nossa-Senhora do Mar para irem exhortar o padecente, a abraçar a santa religião catholica, o que effectivamente conseguirão convertel-o a fé do Christo, e pelas 10 horas da manhã do dia 5 foi solemnemente baptisado e tomou o nome de João Agostinho.

«Pelas 5 horas da tarde do referido dia 5, reunindo-se approximadamente para mais de 6 mil expectadores, subiu o mencionado réo ao patibulo com grande resignação christã e extraordinaria coragem; o que feito os preparativos do verdugo, o mesmo réo por si se precipitou, porém immediatamente rebentou a corda. O réo cahio no chão e quando o verdugo chegou a elle e lhe lançou novamente a corda ao pescoço, levantou-se immediatamente, e com extremada coragem tornou a subir as escadas do patibulo, e depois de feitos os competentes preparativos,

tornou a precipitar-se por si, e effectuou-se a execução apezar da pouca dextreza do carrasco.

«Pela parte que por copia envio inclusa a V. Ex.ª, verá que o mesmo executado foi sepultado no cemiterio de Damão-Pequeno.

«Deus guarde a V. Ex.ª — Fortaleza de Damão, 6 de maio de 1857.— Ill.mo e Ex.mo Sr. Visconde de Torres-Novas — *Constantino Lopes d'Azevedo e Cunha,* Governador da praça de Damão» (1).

A parte, a que se refere o governador da praça, diz:

«Hoje ás seis e meia hora de tarde foi sepultado no cemiterio do forte de S. Jeronimo o cadaver do machim Narana Lal, que foi enforcado na praça de Damão-Pequeno ao pé do bangaló dos inglezes.—Forte de S. Jeronimo em Damão-Pequeno, cinco de maio de 1857. — *João Francisco Rodrigues*, 2.º sargento commandante d'escolta» (2).

Assento de baptismo: — «Aos 5 de maio de 1857 annos, por minha commissão o prior e vigario vara desta praça e cidade de Damão, Norberto do Rosario e Carvalho, baptizou e poz os santos oleos ao gentio adulto João Agostinho Moraes, da idade de quarenta annos: foi seu padrinho João Moraes, ambos moradores nesta freguezia de Damão Pequeno, de que fiz este assento em que me assigno — O Vigario, *Jeronimo Caetano de Sequeira* (3).

Assento d'obito: — «Aos 5 de maio de 1857 annos, ás seis horas da tarde foi enterrado na segunda classe do cemiterio desta egreja de Damão-Pequeno, o sentenciado á morte João Agostinho Moraes, com soccorros espirituaes, morador em Damão Pequeno, de que se fez este assento em que assignei. O dito defuncto é de 40 annos. — O Vigario, *Jeronimo Caetano de Sequeira* (4).

J. A. Ismael Gracias

---

(1) Archivo da secretaria geral.
(2) Ibidem.
(3) L.º dos assentos de baptismo, do tempo, fl. 38 v
(4) L.º dos assentos d'obito, do tempo, fl. 88. Obtivemos a copia d'este assento e do antecedente durante a nossa estada em Damão (25 de novembro de 1895 a 25 de fevereiro de 1896) graças á amabilidade do nosso amigo, sr. padre Joaquim dos Milagres Pimenta, parocho, ao tempo, da freguezia de Damão pequeno, e hoje missionario régio n'aquella diocese, assistente em Baçaim.

O ARCEBISPO D. Fr. MANOEL DE SANTA CATHARINA

Um dos prelados que governou a archidiocese de Goa por mais longo tempo foi o arcebispo D. Fr. Manoel de Santa Catharina.

Era carmelita descalço, e sendo nomeado bispo de Cochim, chegou a Goa, vindo do reino, em 3 de outubro de 1799. Provido por breve pontificio e precedendo nomeação regia, em governador e administrador do arcebispado primaz de Goa, ficou presidindo ao governo do mesmo arcebispado desde 5 de fevereiro de 1780.

Em 19 de julho de 1783 tendo sido confirmado em arcebispo de Goa, tomou posse e pallio na sé primacial a 21 de novembro de 1784, dia em que sagrou na mesma cathedral a D. Fr. José da Soledade, bispo de Cochim, e no anno seguinte, em 23 de outubro de 1785, a D. Fr. Amaro José de S. Thomaz, bispo titular de Pentacomia e prelado de Moçambique.

Pelo nuncio apostolico em Portugal o cardeal Ramuzi foi nomeado, em 3 de março de 1785, visitador e reformador de todas as corporações religiosas da India.

Durante os 32 annos do seu episcopado — fevereiro de 1780 a fevereiro de 1812 — visitou 17 vezes as parochias do arcebispado de Goa e fallecen estando de visita ás egrejas de Salsete.

Lembra-nos ter lido algures que o arcebispo Santa Catharina fallecendo a 10 de fevereiro de 1812, se lhe fizeram apparatosas exequias e que suas visceras depositadas na egreja de Zambaulim, foram trasladadas, com solemne acompanhamento de cleresia para a egreja de Quepém, onde jazem em um cenotaphio erigido na capella-mor.

Mas entre varios documentos, que possuimos, relerentes a historia ecclesiastica da India, e que pertenceram ao finado conego Eugenio Pereira, existe um papel avulso (sem assignatura do autor) que dá minuciosa noticia do dia e sitio do fallecimento daquelle prelado, conhecen-

do-se della que as apparatosas exequias feitas ao arcebispo foram na sé primacial e não na egreja de Zambaulim, e que foi sepultado no presbiterio de capella-mor da mesma sé, e não na egreja de Quepém.

Vejamos pois o que diz aquella noticia, que é bastante minucinsa nos pormenores, e que passamos a copiar tal como está no original, accrescentando-lhe apenas algumas notas ellucidativas.

«O Arcebispo D. Fr. Manuel de S. Catharina falecen em Quepém da Provincia de Chondrovaddi a 10 de fevereiro de 1812.

Havia passado da Igreja de Conculim, estando da Visita das Igrejas da Provincia de Salsete, para a dita Aldéa Quepém nas casas de Campo (*a*) do Deão José Paulo da Costa Pereira de Almeida, creatura sua, (*b*) a fim de descançar daquella carreira, visitadas as duas Igrejas das Missoens de Parodá e Zambaulim, que já neste tempo estavão annexadas para a visitação geral, e faser a sua entrada publica na nova Igreja de S. Cruz, que na mesma aldea Quepem o referido Deão erigira a sua custa em beneficio da christandade que de varias partes ahi está estabelecida por causa do commercio e agricultura em que florece aquela Aldea pela industria de 36 annos do mesmo Deão, tendo sido antes hum campo inteiramente inculto e inhabitavel (*c*).

(*a*) Casas de campo em Quepém. Ainda hoje existe em Quepém, capital do concelho deste nome, uma casa apalaçada com capella e jardins, que sendo propriedade do finado deão da sé de Goa, José Paulo da Costa Pereira de Almeida, foi por este doada para recreio dos governadores da India portugueza, ficando porém a sua administração á cargo do cabido da mesma sé. Os documentos relativos á doação do dito palacio estão publicados no Bol. do Gov. n.os 99 e 100, da serie de 1861.

(*b*) Jose Paulo da Costa Pereira de Almeida era natural de Braga e veio a Goa em companhia do arcebispo Santa Catharina em 1779. Pelo fallecimento do arcebispo S. Galilinn foi eleito vig. cap. em julho de 1831, tendo nesta qualidade governado a diocese até ao seu fallecimento occorrido a 10 de janeiro de 1835.

(*c*) Acerca do estabelecimento da aldea de Quepém e da construcção da sua egreja, duas inscripções existentes nas pyramides do adro da mesma egreja dizem o seguinte:

1.ª lapide

Nos annos do Senhor de 1787
deu principio ao estabeleci
mento desta povoação o
Deão da Sé de Goa José Paulo
da Costa Pereira de Almeida
sendo antes hum citio inculto
inhabitado e hum mato fe
chado

Devia ser a entrada do Prelado na nova Igreja no dia acima, e se achava presente hum ajuntamento dos Prelados maiores e menores dos Religiosos de Goa, Parochos e alguns Clerigos, todos convidados pelo mesmo Deão para aquela funcção, que não se effectuou porque ficou S. Ex.ª accommettido de huma febre, que sendo tida como de pon-

---

2.ª lapide

Nos annos do Senhor de 1825
concluio-se a fabricação des
ta Igreja q fundou a sua cus
ta o Deão da Sé de Goa José
Paulo da Costa Pereira de Al
meida em beneficio dos po
vos que para aqui congregou

E a lapide que cobre a sepultura do deão Pereira de Almeida na sé patriarchal, diz o seguinte:

Aqui jaz
o muito
Rdo José Paulo da Costa Pereira de Almeida
Cavalleiro professo da Ordem de Christo
natural de Braga
que vindo a Goa em pequena edade
e seguindo o estado clerical, de escrivão da camara pontificia passou
a Conego, e logo Deão desta Sé, foi
desembargador e juiz
extraordinario da Relação deste Estado
Provisor e vigario geral do Arcebispado,
Provedor da Santa casa de Misericordia,
Commissario Geral da Bulla da Santa Cruzada,
e ultimamente em vigario capitular
Faleceu em os 10 de janeiro de 1835,
Pelos recursos que teve á sua disposição
fundou, cultivou e embellezou a aldea Queppem na
Provincia Chondorvady, nas Novas Conquistas,
estabelecendo ahi um publico mercado e
erigindo huma Egreja parochial, sustentando a espensas suas,
e onerando aquellas fazendas com piugues legados pios,
deixou nomeado por perpetuo administrador, o
Illmo. Cabido desta Sé
o qual em memoria á gratidão do illustre bemfeitor,
Mandou pôr esta campa na sua sepultura,
Depois de fazer suas solemnes exequias em
10 de janeiro de 1867

ca concideração e havida pelos Professores (*c*) como de nenhum perigo até que se destinava a solemnisar a entrada premeditada, succedeo que no mesmo dia 10, perto de 2 horas depois do meio dia, conhecendo S. Ex.ª ser chegado o fim da sua vida (annuncio que poucas horas antes tinha expressado com o pe. Me. Fr. Paulo de S. Thomaz, Vigario Geral de S. Domingos, quando lhe dava parabens das suas melhoras, disendo =todos mo disem o mesmo, porem eu digo que estou a consumar a minha carreira=) e chamando pelo Prior de Chimbel Fr. José de Jesus Maria José se confessou com ello e pedindo aos circumstantes que repetissem as preces dos agonisantes, placitamente expirou pondo os olhos ao Ceo, sentado em huma cadeira, sem se mudar de cores do rosto e em postura que parecia estar vivo.

As tres horas da tarde do dia seguinte (*d*) foi conduzido o cadaver ao sitio do embarcador de Paroda acompanhado de Cleresia e Irmandades das Freguesias visinhas, Tropas do destacamento e immenso povo, assim christão como gentio, que concorreo de varias partes convertendo em pranto os regosijos proprios daqueles dias (*e*) e as cinco para seis horas (*f*) embarcado em hum escaler todo illuminado e com possivel acompanhamento, chegou ao caes da cidade (*g*) no seguinte dia pe-

---

(*c*) Quer-nos parecer que estes professores eram dos conventos ou casas religiosas de Goa, e não facultativos civis ou militares, que os não havia em Quepém na occasião do fallecimento do arcebispo. Nos conventos não faltava um e outro religioso com conhecimentos de medicina, sendo isto assim desde o seculo XVI, pois que para o exame de umas echymoses cadavericas nas mãos e pés de uma freira fallecida no convento de Stª. Monica, em 2 de janeiro de 1683, foram, de ordem do vice-rei conde de Alvor, convocados, alem de medicos ou clinicos officiaes, mais dois religiosos com estudos e pratica de medicina sendo um jesuita e outro carmelita. No collegio de S. Paulo era medico, o Irmão Gaspar Antonio, natural de Florença, que passava por destincto clinico. Do antigo hospital dos pobres, em Goa, fundado pelo jesuita Panto Camerte, era medico, enfermeiro e capellão, o dito pe. Camerte, que foi o 1.º reitor do seminario de santa Fe. E no outro hospital, chamado da Piedade, fundado pelo vice-rei conde de Linhares, eram medicos e enfermeiros os religiosos carmelitas.

(*d*) Que vinha a ser o dia 10 de fevereiro, e assim o cadaver devia ter estado por mais de 24 horas na capella do palacio do Quepem.

(*e*) Os rigosijos proprios d'aquelles dias, eram certamente por causa da chegada e estada, em Quepèm, do arcebispo, que fôra para ali em visita pastoral á nova egreja desta freguezia.

(*f*) A distancia do palacio de Quepem ao embarcadouro de Parodá, é de menos de uma hora, mas como o cadaver ia conduzido em prestito funebre solemne, com acompanhamento de tropa, levou mais de duas horas para chegar ao embarcadouro em Paroilá.

(*g*) Devia de ser o antigo caes de Santa Catharina na cidade velha, que era o mais proximo da sé primacial, para onde se dirigia o prestito; ou

las 6 horas da manhã, donde foi conduzido a Sé Primacial solemnemente pelo Cabido, Religioeus e Clerezia e depositado na capela de S. Anna, que estava preparada do luto, em huma Essa cheia de luzes, onde se cantarão por todo aquele dia muitos Responsos.

Dadas as competentes partes (*h*) pelo Deão ao ex.mo Arcebispo Coadjutor o futuro Successor (*i*) e ao ex.mo V. Rey Conde de Sarzedas, Bernardo José de Lorena, logo no dia onze pelo meio dita principiarão as Fortalezas e a Ribeira (*j*) a dar *tiros de empolhete em empolhete incitradas as Bandeiras, como se costuma em actos funeraes* (*k*) continuando assim até duas horas e meia de tarde do dia 13 em que acabarão as honras funeraes finalisando com 21 tiros.

As Tropas Britannicas que estavão neste Estado nas Fortalezas de Agoada, Reis-Magos, Gaspar-Dias e no Cabo (*l*) em cada uma destas estaçoens derão 85 tiros de peça de minuto em minuto, em memoria dos annos de S. Ex.ª (*m*) e no dia 13 as duas horas e meia da tarde formadas oos seus respectivos corpos derão tres descargas e cada Fortaleza salva de 21.

Neste mesmo dia na Sé Primacial pelas nove horas da manhã se deo principio as solemnes Exequias, sendo officiado o 1.º Nocturno pelos Religiosos de S. Francisco da Provincia do S. Thomé e da Madre de

---

talvez fosse o actual caes dos vice-reis, que era o primeiro caes da mesma cidade que o escaler encontraria em seu percurso para a cidade.

(*h*) Estas participações deviem ter sido feitas e expedidas pelo deão na tarde do dia 10 de fevereiro, para chegarem a seu destino na manhã de 11, antes do meio dia, hora em que começaram as demonstrações funebres nas fortalezas e na ribeira (arsenal).

(*i*) Coadjutor e futuro successor do arcebispo de Santa Catharina era o arcebispo D. Fr. Manoel de S. Galdino, que nomeado para este cargo em 20 de agosto de 1804 exercia as funcções de coadjutor desde 1806, tendo de Macao vindo a Goa em 14 de maio de 1806.

(*j*) O antigo arsenal da cidade velha de Goa, era tambem denominado *ribeira*. Havia ali uma bateria de artelheria, que costumava salvar em occasiões solemnes festivas e funebres.

(*k*) As palavras que acima vão sublinhadas e que no original não estão, parece que querem dizer = dar tiros de ampulheta, içadas as bandeiras a meio pao, como se costuma em actos funebres. =

(*l*) As tropas inglezas da India que pela segunda vez tornaram a vir para Goa desde dezembro de 1804 occupavam, em 1812, o Cabo e a praça da Agoada.

(*m*) Em mais de um livro se vê que o arcebispo falleceu com 86 annos de edade, o que parece que não era sabido do commandante da tropa britanica que neste caso não regatearia mais um tiro de peça para memorar a mesma edade. E a Historia tem registado e deixou bem patente o motivo desta e outras semelhantes cortezias praticadas pela tropa britannica para lisongear o governo portuguez.

Deos, o 2.º Nocturno foi officiado pelos Religiosos de S. Agostinho e o 3.º pelos de S. Domingos, acompanhados todos de dous Coros de Musica. As Laudes foram officiadas por S. Ex.ª o Ex.mo Coadjutor com o Cabido, a que seguio a Missa Pontificial, e a esta as competentes absolviçoens officiadas por S. Ex.ª e pelas Dignidades competentes.

Assistio a este solemne Acto, aonde se via no logar competente hum Mausoleo guarnecido todo de siriós com tocheiros e castiçaes de prata, o Ill.mo e Ex.mo Conde V. Rey (*n*), o Conselho do Estado, a Rellação, o Estado Maior da Nação Britannica com o seu Enviado Eskuiler (*o*), as Religioens e Cleresia, repartindo-se geralmente velas de arratel e outras de superior peso (*p*).

Os Regimentos de Infanteria, Artelheria e Legioens (*q*), todos marcharão puxados pelos seus respectivos chefes e commandados pelo Marechal Manoel Godinho de Mira (*r*) e que por ultimo derão 3 descargas de mosqueteria seguidas cada huma de salva de artelheria.

Deu-se sepultura ao Cadaver de S. Ex.ª no Presbiterio da Capela-mor, lugar dos Prelados, em hum jazigo novo (*s*) conservando-se tão flexivel como se estivera vivo, tendo já passado 3,24 horas.

(*n*) Como atraz se viu, este vice-rei era o conde de Sarzedas, Bernardo José Maria de Lorena, que tinha a sua residencia official no palacio de Pangim, donde fôra assistir o acto na cidade velha de Goa.

(*o*) Este nome que aqui está incorrectamente escripto, deve ser substituido por Schuyler, pois que, em 1812, era o capitão do exercito inglez Courtland Schuyler quem residia em Goa como enviado e agente britanico, ou da companhia ingleza da India. O estado maior da nação britanica, em Goa, compunha-se do coronel A. Adams, commandante da tropa, do capitão Sterling e de mais officiaes do exercito inglez.

(*p*) E' de antigo uso e pratica na sé primacial destribuirem-se veles pelos funccionarios presentes aos actos solemnes que ali se celebram. Vide a curiosa correspondencia official publicada sobre o assumpto no Boletim do Governo n.º 27 de 1866.

(*q*) As tropas que constituiam o exercito portuguez da India, em 1812, compunham-se de um regimento de artelheria, com quartel no forte de Gaspar Dias, do 1.º regimento de infanteria, com quartel em Margão, do 2.º regimento de infanteria, com quartel na praça da Agoada, e de duas legiões de voluntarios reaes de Bardez e Pondá, com seus quarteis em Colvalle e em Pondá, alem de algumas companhias e partidos da tropa volante de sipaes e tres corpos auxiliares.

(*r*) Manoel Godinho de Mira sendo brigadeiro effectivo do exercito da India, fôra promovido a marechal de campo em 29 de maio de 1810, e como tal lhe coube o commando geral dos regimentos que marcharam para as exequias.

(*s*) A' contar desde 5 de fevereiro de 1780 até 10 de fevereiro de 1812.

Governou 32 annos e 5 dias (*t*).

Completas finalmente as honras funeraes e recitado o ultimo *Requiescat in pace*, incontinenti o Ex.^mo^ e Revd.^mo^ D. Fr. Manoel de S. Galdino tirando os paramentos sagrados e tomando a sua Capa Magna, subio o Solio e sentado na Cadeira Primacial do Oriente tomou posse, o Cabido lhe beijou a Mão, reconhecendo-o por legitimo Prelado desta Metropole, ao que se seguio repicarem os sinos desta e de todas as mais Igrejas desta cidade».

J. M. do Carmo Nazareth.

(*t*) No Gabinete Literario das Fontainhas, vol. 3.º pag. 204, lê-se = que na egreja (de Quepém) ha uma columna, ornada de emblemas episcopaes, a qual serve de cenotaphio á memoria do arcebispo Santa Catharina, que em Quepém havia terminado a sua carreira mortal.

ANTIGUIDADES PORTUGUEZAS EM BAÇAIM

Sobre as antiguidades portuguezas em Baçaim, a antiga e afamada *Côrte do Norte*, têm os estudiosos dois livros mui interessantes: um do dr. J. Gerson da Cunha, intitulado *Notes on the history and antiquities of Chaul and Bassein*, publicado em 1875, — e outro o vol. XIV do *Bombay Gazetteer, Thaná*, de James Campbell, 1882, que a miude se refere ao antecedente. Na *Bombay Gazette*, porém, de 27 e 28 de abril ultimo, deparámos um extenso artigo d'um seu correspondente, que recentemente visitou com esses livros na mão as ruinas de Baçaim, e que, rectificando varias inexactidões que n'elles encontrou, descreve a largos traços as poucas reliquias dos monumentos portuguezes, que actualmente existem. Tomamos a liberdade de recortar d'esse artigo o que mais vem a ponto.

«Os logares notaveis em Baçaim são:

1 A cathedral, ou matriz de S. José.

2 A cidadella interna, ou castello.

3 A egreja de Nossa Senhora da Vida.

4 A egreja o hospital da Misericordia, ou Piedade.

5 A egreja e convento dos Jesuitas, vulgarmente conhecido como de S. Paulo.

6 A egreja dos dominicanos.

7 A egreja e convento dos franciscanos, da invocação, de Santo Antonio.

8 As portas da fortaleza.

Cumpre advertir de vez que se não podem identificar, e são inexistentes, para todos os effeitos, os seguintes edificios mencionados no livro de Cunha e no *Gazetteer*:

1 A egreja dos augostinianos.

2 A egreja dos hospitaleiros.

3 Os palacios do General do Norte e do capitão de Baçaim.

4 Uma capella dos augustinianos.

Não se podem descobrir muitas das inscripções e epitaphios, que Gerson da Cunha diz existirem em varias egrejas. .....

Cathedral ou Matriz de S. José

Tem uma torre alta e macissa, com cimalha de delicado relevo. Desappareceu toda a parede principal da capela-mór, cujo tecto, com as suas bellas cornijas, está em bom estado de conservação; mas, raizes de arvores têm affastado as pedras e duvido que se conserve por moitos annos. Provavelmente nada se poderá fazer para se evitarem estes damnos, e em meio seculo vêr-se-hão grandes dilapidações. Seria conveniente que as autoridades responsaveis mandassem reproduzir, com fidelidade, as vistas dos melhores edificios, antes que soffram mais damno. Sobre a porta occidental, que conduz á cathedral pela torre, existe uma inscripção, quasi illegivel, commemorativa da reconstrucção do edificio em 1601. Em 1546, havia sido levantada no mesmo logar uma egreja. Do lado norte da nave, ha uma bella entrada com columnas corinthias lavradas, e do sul uma grande capela lateral. Desappareceu de todo o tecto da nave d'esta egreja, como os de todas as outras. O interior de S. José é magestoso, e o exterior apresenta certa gravidade, principalmente devido á torre que, apezar de desmoronada

n'algumas partes, é a mais bella de Baçaim. Os portuguezes prestavam mais attenção á architectura interna do que á externa. O exterior é na maior parte muito simples Por exemplo, o hospital da Misericordia, com os seus bellos arcos e claustros interiores, tem um exterior muito ordinario. A grande praça ou mercado, mencionada no *Gazetteer*, era provavelmente situada entre S. José e a cidadella, mas não consegui descobril-a.

«Proseguindo pela antiga rua, a breve trecho chegámos á

Cidadella ou Castello

Está dentro da fortaleza. Diz-se que é anterior aos portuguezes, e que fôra o «logar da residencia dos mouros, a quem pertencia». Dentro da cidadella não ha nada que interesse. Comtudo um baluarte a sudoéste tem na parede externa uma inscripção muito clara, na qual se lê que este fortim fôra construido em 1536 por Garcia de Sá, de ordem do governador Nuno da Cunha. Foi poucos annos depois do começo da fortaleza principal. A Porta da cidadella é muito pittoresca. De ambos os lados da entrada havia duas columnas, removidas ha muito tempo, mas cujos capiteis corinthios ainda existem. Em cima está um friso esculpido com uma Cruz da ordem de Malta, um brazão de armas, uma esphera e a data 1606. Sobre este friso vê-se um nicho, tendo de ambos os lados duas fustes corinthias, sustentando uma pedra quadrada, com as letras I. H. S. O nicho, como todos os outros existentes na fortaleza, está vasio. Se continha, como dizem, uma imagem da Virgem, deve ter sido removida, como outras imagens e objectos, pelos zelosos vigarios das egrejas de fora da fortaleza. Um velho amigo meu, que desenhou a Porta do Mar, tambem fez um excellente desenho da entrada da cidadella, tomando a liberdade de preencher as columnas que faltavam. Junto da cidadella, como se verá da minha planta, existe um tanque, ou lagosi-

nho, que deve ser muito bonito quando cheio no inverno, mas agora está secco e desagradavel. Cunha diz que fôra construido a fim de fornecer agua para uma fabrica de assucar, de que logo tratarei. Seja o que fôr, o tanque é util, como um centro topographico para a localisação do algumas das principaes ruinas. Conforme Cunha, parece que junto da entrada da cidadella existiam as ruinas da

Egreja dos augustinianos

Ao norte da cidadella e a lésto do tanque, ha um grande espaço elevado, onde deveria ter existido a egreja dos augustinianos. Mas não resta sequer um fragmento architectonico. Formando parte da cidadella, que fica ao lado do tanque, está a

Egreja de Nossa Senhora da Vida

Destacada d'esta, á distancia de poucos passos, ergue-se nos muros da cidadella uma simples torre quadrangular. Alguns edificios, talvez claustros, mais ou menos communicam a egreja com a torre, mas não posso affirmar que a torre pertencesse á egreja.

Dizem que esta egreja é uma das mais antigas de Baçaim. Em 1695, Gemelli Careri menciona-a como adornada com tres bons altares. Seja ou não uma das mais antigas, é, por certo, uma das melhores. O tecto da capela-mór com as suas elegantes cornijas está em excellento estado de conservação. O alto e bem lançado arco da capela-mór é do basalto bem talhado. Do lado do norte da nave, ha algumas janellas altas, fundas e magestosas. Uma porta da nave communica a egreja com o interior da cidadella. Do lado opposto da nave ha uma larga entrada quadrada. Merece vêr-se o exterior do lado occidental. De ambos os lados do arco da entrada ha duas columnas corinthias, bem trabalhadas e conservadas, supportando um friso decorado. Esta egreja

foi em tempo transformada em fabrica de assucar pelo fallecido J. H. Littlewood; mas, a empreza não prosperou e a fabrica se fechou em 1878. Consta que, ao abrirem-se os alicerces para a fabrica, os trabalhadores encontraram os ossos d'um homem e d'um cavallo, evidentemente sepultados juntos. Ha alguns vestigios da fabrica de assucar na capela-mór, e disseram-me que a torre quadrangular servia de chaminé da fabrica. O *Gazetteer* falla d'uma construcção moderna na nave da egreja, destinada á refinação de assucar. Não existe nenhuma construcção na nave da egreja. Ha algumas paredes curiosas, de altura de poucos pés, projectando-se na nave de ambos os lados e formando partições entre elles. Não parecem mais modernas do que a egreja. Teriam alguma relação com a fabrica de assucar, ou seriam cellas de frades, confissionarios, ou qualquer outra cousa? Não sei responder. Junto da extremidade maior do tanque está um moderno templo hindú.

Em quanto não haja certeza sobre o assumpto, pode ser que uma casa arruinada, logo a oéste do tanque e templo hindú, mas separada d'elles por uma rua, casa que está melhor conservada que o resto, e é de mais cuidada construcção, seja

O palacio do General do Norte

titulo do governador de Baçaim e de suas muitas dependencias. Tudo o que se pode dizer é que se julga ter sido ahi a residencia d'esse potentado. Embutido na parede da varanda de arcos d'essa casa, está um brazão de armas cuidadosamente esculpido em pedra, em perfeito estado de conservação. Entre o tanque e a rua municipal vê-se um edificio que é a

Egreja e Hospital da Misericordia

O *Gazetteer* falla d'este edificio como separado do palacio. Não sei o que significa isto..... A egreja da Mise-

ricordia com a sua torre macissa e as suas janellas rasgadas tem um aspecto impressivo. A sua identidade é inconfundivel, pois tem um relevo sobre a porta, que olha para o tanque, embora o visitante fique confuso com a informação do *Gazetteer*, de que a egreja é pequena, quando de facto é um vasto edificio. A esculptura sobre a porta consistente n'uma pedra em forma de escudete, com uma bella Cruz da ordem de Malta no centro, e, de ambos os lados, um dragão com um rôlo de papel na bocca. Do lado oéste, o edificio tem uma bella entrada com arcos. De cada lado, vêm-se dois nichos ou recessos profundos, um em cima d'outro, provavelmente para imagens, mas não as ha nenhumas agora. O tecto da capela-mór é uma obra delicada, e está quasi inteiro, embora ligeiramente arruinado na parte léste. As janellas são rasgadas. A egreja está construida junto ao Hospital, que em parte a encobre; e a parte encoberta tem uma bella porta em arco, e por cima um nicho para imagem, cercado por um desenho de ornato. A mais bella vista que se pode obter do tecto da capela-mór é do lado de fóra, olhando por uma das sobreditas janellas. O hospital é um edificio grandioso, e tem um largo pateo quadrado, cercado por uma bella arcada com grades. Da serie dupla dos arcos, uma sobre a outra, pode concluir-se que o edificio tinha dois andares. O exterior do hospital, simples e pouco attrahente, apresenta um triste contraste com a belleza do interior. Deixemos agora os edificios situados ao pé do tanque e caminhemos para

A Egreja de S. Paulo dos Jesuitas

O frontespicio é a mais linda peça de architectura em Baçaim. Tem um soberbo arco, columnas striadas com capiteis corinthios. Sobre a porta e em cima das columnas o monogramma I. H. S. e uma cruz. A data sobre a porta, 1636, parece referir-se á renovação, tendo sido os alicerces postos em 1548 por Melchior Gonçalves, amigo

de S. Francisco Xavier. Ligado á egreja está o collegio dos jesuitas. Os claustros e arcos fazem lembrar uma universidade ingleza. A egreja é simples no interior, mas os embutidos do tecto da capela-mór são bem imaginados e executados. A torre está em melhores condições do que qualquer outra de Baçaim, com excepção d'aquella que fica perto de Nossa Senhora da Vida, cuja architectura, comtudo, é inferior á de S. Paulo. Esta egreja está agora sendo restaurada. Todo o tecto é novo e annualmente no domingo de Paschoela se celebra uma imponente cerimonia, que é muito concorrida. Seguindo o nosso caminho pela rua, cheia de herva, chegámos á

Egreja dos Franciscanos.

da invocação de St.º Antonio. Diz-se que é um dos edificios mais antigos de Baçaim. No convento, a que está ligada, S. Francisco Xavier costumava residir nas suas visitas a Baçaim em 1544 e 1548. A appareucia geral é identica ao dos jesuitas, mas as columnas são de cantaria vermelha. Ainda se podem descortinar bocados de pinturas nas paredes. A egreja olha para o poente, em quanto todas as outras egrejas, com excepção da dos dominicanos, que olha para o norte, têm a frente para o nascente. Visto ao vir do S. Paulo, o exterior da egreja é sem duvida agradavel. Um alpendre, sustentado por quatro columnas, forma tres arcos communicando com o portico, que dá para a nave. Este portico tem dois arcos do lado norte. Uma entrada macissa de cantaria vermelha conduz á egreja. Ao sul do portico, vendo-se da entrada em ruinas do convento, distingue-se uma pequena capela com um bello arco. Na fachada sobre o vestibulo existem algumas esculpturas bellas, muitas das quaes arruinadas pela acção do tempo. Entrando na Egreja pelo vestibulo, a attenção do visitante dirige-se immediatamente para os arcos em toda a extensão da nave. O

alto arco da capela-mór, de basalto talhado, e as cornijas de basalto, simples e não perfeitas, como diz Cunha, do tecto da mesma, attrahem em seguida a attenção. O tecto está arruinado em tres logares. De ambos os lados da nave existem quatro capelas lateraes com arcos de cantaria vermelha.

Para além da janella da capela-mór, existe uma capela; e pode-se vêr por ambas a muralha da fortaleza. A torre está muito arruinada, faltando completamente um dos seus lados. O *Gazetteer* falla d'uma escadaria bem lançada, que já não existe. A egreja fica perto d'um enorme baluarte, que forma parte da muralha, e situada na visinhança da Porta da Terra; e, segundo a descripção, que, como as outras, é confusa, seria provavelmente o baluarte S. Sebastião, pelo qual os marathas forçaram a entrada em 1739. Cunha diz que a fortaleza tinha duas portas principaes e um postigo perto da egreja dos franciscanos, que, por se considerar perigoso, foi tapado, sendo, em seu logar, construido o baluarte. Seja o que fôr, ainda se vê uma entrada, que se pode chamar postigo, n'um logar muito differente, na muralha ao sul da fortaleza, na visinhança da cidadella. Dois lanços de degraus conduzem ao cimo do baluarte, do qual se desenrola uma vista melhor das ruinas e região circumvisinha, do que de qualquer outro ponto. Podem ver-se d'ali todas as torres, com excepção da do S. José. Antes de visitar a Porta da Terra, podemos examinar a

Egreja dos dominicanos

Está situada junto á estrada municipal e não longe da egreja dos franciscanos. E' mui simples e não tem nada que interesse. Os pormenores dados no *Gazetteer* referem-se a S. Paulo. Caiu uma boa parte do tecto da capela-mór. A unica particularidade, que chama a attenção para este edificio, é que olha para o norte e que do lado sul tem uma janella pequena em arco, contida n'ou-

tra maior. Talvez me perguntem como soube que era esta a egreja dos dominicanos. Responder-lhes-hei apenas que por um processo de eliminação. Sabe-se que existiram sete egrejas, aparte uma, a dos hospitaleiros, muito duvidosa, e que, se existiu, foi ao pé da cidadella. A dos augustinianos desappareceu. Das restantes seis, temos já identificado cinco. Só resta uma, e, como existiu uma egreja dos dominicanos. deve ser provavelmente essa. Comtudo Cunha, no fim da sua obra, a pg. 247, executa um esforço ultimo de gymnastica mental. «Na visinhança— diz elle — dos edificios supra mencionados (quaes?) estão as ruinas da capela de N. S. da Annunciada, que estava a cargo dos augustinianos. O altar d'esta capela, ao contrario do estilo observado em outros templos eguaes, olha para o norte. O frontespicio tem dois arcos, sendo o superior maior do que o inferior». Esta descripção refere-se á egreja, que considero ser a dos dominicanos e nenhuma outra. Mas Cunha usa o termo «dominicanos» em uma das suas descripções de S. Paulo, pois por falta de uma terminologia verdadeira, teve de denominar N. S. da Annunciada, nome que nunca se ouviu antes. Pois será este o nome por inteiro da egreja dos augustinianos. que Cunha tem collocado em varios logares, e descripto de varios modos, illustrando-a finalmente com uma vista da egreja dos franciscanos? Não vejo razão alguma para suppor que, além da egreja dos augustinianos, houvesse tambem uma capela a cargo dos augustinianos (1).

Não deixarei de mencionar que, a caminho da egreja

(1) Sem querermos entrar na discussão d'este assumpto por não estarmos agora habilitados com todos os elementos necessarios, diremos apenas que a *Descripção da Cidade e Fortaleza de Baçaim*, de Antonio Bocarro (1634) falla d'uma ermida de N. Sr.ª da Annunciada, a cargo dos augustinianos; — vide *O Chronista de Tissuary*, 3.º vol., pag. 243. (*N. do traductor*).

de S. Paulo á dos franciscanos, um pouco á direita do atalho, se encontra uma bonita casa de banho, ornamentada com conchas e cacos de porcelana.

Temos já descripto todas as ruinas que se podem identificar, com excepção da Porta da Terra, ou Porta do Campo, que, não sendo tão attrahente como a Porta do Mar, possue comtudo um caracterisco particular. Dentro da fortaleza, sobre o portão, estão de pé de cada lado d'um arco gracioso, duas magnificas columnas corinthias.

Na moderna egreja de Papri, situada á meia distancia da estação de Baçaim, ha hum magnifico retabulo, que pertenceu primitivamente a uma das egrejas da fortaleza.

A partir de 1532, os portuguezes levantaram uma esplendida cidade fortificada em Baçaim. Tinha-se chegado a um grau de civilisação mui elevado. Mas a historia da cidade conta-nos muitas das suas desventuras. Desde 1618 foi infestada pela peste, e no mesmo anno uma terrivel tempestade fez voar os tectos das egrejas e outros edificios. A isto seguiu-se a fome. Em 1674, os piratas arabes saquearam as egrejas, fóra das muralhas, sem a menor resistencia da guarnição tomada de panico. Em fevereiro de 1739, os marathas sitiaram Baçaim; e, em maio, depois de uma heroica resistencia, os defensores capitularam, tendo-lhes sido permittido sahir da cidade com todas as honras de guerra. Em 1774 e, de novo, em 1780, Baçaim foi tomada pelos inglezes, mas, de ambas as vezes, restituida aos marathas. Por fim, em 1817, passou a ser territorio britannico.

Algum dia, talvez, hei de coordenar estas breves notas. Possam ellas attrahir visitantes a tão fascinador sitio, e simplificar-lhes as investigações.

J. B. Amancio Gracias.

OSSADAS DE PORTUGUEZES NA CIDADE DO CABO

(Carta ao Exmo. Sr. Ernesto de Vasconcellos, Mmo. Secretario Geral da Sociedade de Geographia de Lisboa).

Ill.mo e Ex.mo S.r

Tenho a honra de transmittir a V. Ex.ª, pedindo se digne fazer presente á illustre Sociedade de Geographia de Lisboa, de que é muito distincto Secretario, a seguinte noticia, muito interessante á archeologia e á historia patria, que acabo de lêr no *Times of India*, de Bombaim, de 25 do corrente mez:

«*Descobertas em Cape Town* — Têm-se feito em Cape Town algumas descobertas notaveis. Estando a proceder-se a excavações para os alicerces d'um novo edificio, que se pretende construir na juncção das ruas Riebeck e Loop, desenterraram os operarios, a poucos pés abaixo do sólo, uma grande

quantidade de ossos de homens e animaes, e tambem varias moedas, tendo a mais antiga a data de 1720. Mais para baixo, a doze pés, encontrou-se o primitivo nivel das praias, e excavando-se ainda mais nas areias, appareceu uma grande porção de ossos humanos. Havia dois esqueletos completos, e os restantes ossos devem ter pertencido a 8 ou 9 corpos. D'entre os craneos, dois são de europeus, ambos com signaes provaveis de pancadas violentas. Os outros ossos parecem ser de hottentotes. Conjecturase que esses restos sejam dos portuguezes e hottentotes que, ha cerca de 400 annos, travaram entre si nas margens de Table Bay uma encarniçada batalha».

Por estas breves indicações quer-me parecer que, entre as ossadas, devem ou podem encontrar-se a do 1.º vice-rei da India, D. Francisco de Almeida, que, junto com alguns companheiros seus, foram, no regresso a Portugal, barbaramente mortos pelos cafres n'uma sortida, que teve logar em 1 de março de 1510, na Agoada de Saldanha. Segundo referem os chronistas, foi horrorosa essa lucta, e, dois annos depois, Christovam de Brito, procurando a sepultura do illustre almirante e general, que, depois de sahir victorioso de tantas batalhas no Oriente, acabára tão tragicamente, não lhe foi possivel descobril-a. E, embora o autor da *Historia Genealogica* contasse por informação, que na egreja do convento do Espinheiro, em Evora, existia a campa com o epitaphio de «*D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rey da India, que nunca mentio nem fugio*», passou sempre por duvidosa, entre os estudiosos, a authenticidade de tal jazigo.

A noticia do *Times of India* é, pois, uma curiosa revelação de que dou, com muito prazer, conhecimento a V. Ex.ª, pois estou que a Sociedade de

Geographia procurará, pelos meios de que dispõe, que as ossadas de portuguezes, descobertas na cidade do Cabo, sejam resgatadas e transportadas para Lisboa, a fim de, procedendo-se ao indispensavel exame e investigação, terem condigna jazida. Será, por certo, mais uma obra gloriosa de que a Sociedade poderá justamente ufanar-se.

Tenho a honra de ser com a mais distincta consideração,

Pangim, Goa, 30 de
novembro de 1904.

De V. Ex.ª
mto. att.º e v. c.
(a) *J. A. Ismael Gracias.*

(*Resposta*)

Ill.mo e Ex.mo S.r

Recebi a carta de V. Ex.ª, de 30 de novembro do anno findo, com a transcripção d'uma noticia «*Descobertas em Cape Town*», publicada no jornal «*Times of India*», de 25 do referido mez.

Em cumprimento dos desejos por V. Ex.ª manifestados, foi presente em assembléa, que a tomou em consideração devida.

Agradecendo a V. Ex.ª o particular interesse que sempre tem manifestado por esta Sociedade, apresento a V. Ex.ª os protestos da minha muita consideração.

Deus guarde a V. Ex.ª

Sociedade, 10 d'abril de 1905.

Ill.mo e Exmo Sr. J. A. Ismael Gracias.

O Secretario Geral,

(a) *Ernesto de Vasconcellos.*

JURAMENTO ENTRE OS HINDÚS DE GOA

Em tempos que não vão longe, havia entre os hindús de Goa, sanccionadas pelo direito consuetudinario, sete especies de juramento:

1.ª **Juramento dos olhos**— Consistia em tocal-os mui ligeiramente com os dedos pollegar e index da mão direita, subentendendo-se que, no caso de perjurio, o individuo ficaria cego.

2.ª **Juramento de roda**— Prestava se ficando o individuo no centro d'um circulo traçado sobre a terra (o que não era indispensavel), tendo na mão arroz, areca e folhas de betle, vindo a significar que, no caso de não fallar a verdade, lhe faltariam esses tres artigos, de primeira necessidade para os hindús.

3.ª **Juramento na Pustoca de Xry Bhagavatguitá** (livro sagrado dos hindús) (1).

4.ª **Juramento no pagode de Xry Malsá** (2).

---

(1) Este livro tem 700 versos, divididos em 18 capitulos e foi dictado por Chrisnã 18.ª encarnação de Vishnú) a Arzuno ou Parth, guerreiro celebrado no Mahabarata, quando este hesitava em combater seus primos na sangrenta batalha travada entre os Kourovos ou Kurús e Panddovos, por causa da successão do throno de Delhi.

(2) Este pagode é situado em Mardol da aldeia Priol, concelho de Pondá, para a qual foi transferido pelos mazanes, por 1553, do bairro Mardol de Vernã, Salsete, onde corria então accêsa a lucta pela conversão-

5.° **Juramento de rovó** (barra de ferro) no pagode de Bumcá, em Poriém de Satary — Ajuntavam-se ao individuo as duas palmas de mão horisontalmente e os bottos (sacerdotes) deixavam sobre ellas duas folhas de betle, untadas de manteiga crúa (lonim), e por cima um pedaço de ferro em braza (rovó).

6.° **Juramento sobre a cabeça da mulher e filhos** — Deixando o individuo a mão direita nas cabeças da sua mulher e filhos, quer dizer, que, se não dissesse a verdade, que lhe morressem a mulher e os filhos. Era havido por mais seguro, e, porisso, foi determinado o seu uso de preferencia aos outros pela carta régia de 5 de março de 1612 (1). Houve porém, influentes que, tendo-se-lhes exigido esse juramento, obtiveram dispensa, até que foi, com o andar dos tempos, eliminado do juizo.

7.° **Juramento sobre a cabeça de vacca** — Nos mesmos termos como o antecedente, mas não se usava em juizo (2).

O decreto de 16 de dezembro de 1880 que compendiou os usos e costumes dos hindús de Goa, introduzindo varias reformas compativeis com o progresso social e com a moderna legislação civil, estatue sobre o juramento as seguintes disposições.

«Art. 27.° Os hindús brahamanes prestarão sempre em juizo o juramento da Pustoca de Xry Bhagavatguitá, e os de outras castas o de areca e betle.

§ unico. No caso do juramento decisorio poderão as partes exigir que elle seja prestado perante a divindade de Malsá, sendo pagos pelo requerente as despesas do transporte, os emolumentos dos juizes, os honorarios dos advogados e os salarios dos empregados de justiça».

Este juramento decisorio usa-se rarissimas vezes, e no archivo do pagode de Malsá, existe uma deliberação ou acta da respectiva mazania, datada do 9.° dia da lua crescente do mez *asvino*, do anno de 1660, da era de Xalivano, que corresponde a outubro de 1738 da era vulgar, e ractificada no dia da lua cheia do mez *margoxir*, do anno de 1757, da era de Xalivano, que corresponde a dezembro de 1835 da era

(1) Cunha Rivara, *Archivo Portuguez-Oriental*, fasc. V., doc. n.° 986 e nota.

(2) Filippe Nery Xavier, *Collecção de Bandos*, 1.° vol., pag. 95, e addit. ao Codigo dos usos e costumes, pag. 60; — cit. not. do *Arch. Port. Oriental*.

vulgar, estabelecendo as formalidades necessarias para a prestação do mencionado juramento, deliberação cuja parte preceptiva traduzimos em seguida, por nos parecer que será lida com interesse pelos estudiosos dos usos e costumes de Goa.

«Art. 1.º Todo o individuo que demandar outro para juramento no pagode (perante a divindade), assim o deverá participar um dia antes do designado para esse fim, ao respectivo *camavisdar* (administrador do pagode) que tomará as seguintes providencias.

Art. 2.º O *camavisdar* ordenará ao respectivo servidor *catcar* (porta-vara) alternatario. que annuncie a diligencia a todos os servidores do pagode e ao *zolmm* (faraz da aldeia de Priol), para ás 12 horas do dia marcado irem assistir no pagode ao juramento que vae prestar Fulano de tal parte.

Art. 3.º N'esse dia o servidor do pagode, denominado *gaddy*, embostará o chão em forma circular debaixo do sino do lado direito, e feito isto *o puroito kirvonto* (sacerdote brahamane) do pagode deverá formar n'esse logar cinco linhas circulares com farinha de arroz. Em seguida, o individuo que vae prestar o juramento, acompanhado de todos os servidores presentes, e a som d'um tambor que o mencionado faraz deverá tocar, se dirigirá ao tanque do pagode, dando a direita á peanha do *tulósse* (ocymum sanctum) e ao pagodinho de Xry Xantadurga.

Art. 4.º Chegando ao tanque, o *kirvonto* fará repetir ao tal individuo as formulas religiosas que devem preceder o banho, e em seguida esse individuo entrará no tanque para se lavar. Sahindo do tanque com a mesma comitiva e dois *catcares*, sem tocar em pessoa alguma, voltará dando a direita ao pagode, entrando aqui pela porta lateral do lado esquerdo, e se dirigirá até ao *chouco* (corpo do pagode) pelo *sorvoly* (logar privado) e pelo quarto intervallo entre as columnas. No *chouco* estará de pé em baixo da balança que fica junto ao circulo.

Art. 5.º Em seguida o *camavisdar* mandará annunciar, pelo *catcar*, a todos os servidores do pagode, que estejam de pé, visto chegar a hora do juramento que Fulano vae prestar, afim de se fazerem as orações ou preces. Collocar-se-ha n'uma bandeja um coco e depois do requerente ter feito uma oblata de 15 rupias, seguirão as orações privativas do juramento. Finda esta cerimonia, será deixada n'aquella bandeja uma flôr tirada da imagem (symbolo de

agouro), cumprindo ao servidor denominado *gurou* levar a bandeja até ao circulo acima referido, onde ficará de pé, segurando-a na mão.

Art. 6.º O *puroito* do pagode recommendará ao individuo que vae prestar o juramento que, collocando-se no referido logar, receba na mão direita o coco da bandeja, e diga a verdade na presença da deusa.

Art. 7.º Realisado o juramento, proceder se-ha no pagode á cerimonia de *homo* (sacrificio), como acto de purificação, terminado o qual se fará o offerecimento do estilo á divindade (*neivedio* e *artis*).

A mencionada oblata de 15 rupias será distribuida pela forma seguinte:

A' Xry Deusa	5:00.00
Para despesas de purificação	0:10:00
Ao kirvonio	1:00:00
Ao abixequy	0:08:00
Ao gurou alternatario	1:00:00
Aos outros 7 gurous	1:12:00
Ao catcar	0:08:00
Ao outro catcar	0:04:00
A todos os gaddis	0:13:04
Ao gaddy alternatario	0:02:08
A's bavinas	0:06:00
Aos vazontris (musicos)	0:03:04
A's bailadeiras	0:08:00
Ao murdangueiro	0;02:00
Aos portadores de tochas	0:05:00
Aos carretadores do palanquim e insignias	0:08:00
Ao lavandeiro	0:02:00
Ao faraz zolmim	1:00:00
Ao ferreiro, caldeireiro, ourives, gaddis, oleiro, barbeiro e conductor da insignia *maio-mortoba* (sello)	0:02:00
A' bavina pintora	0:01:02
Somma (1)	15:00:00

Purxotoma Sinay Bobó e Caculó.

(1) Estas verbas estão no acto designadas em xerafins, tangas e reis da antiga moeda, que temos convertido á actual moeda, de rupias, tangas e reis.

GALERIA LAPIDAR NO MUSEU REAL DA INDIA PORTUGUEZA

(Continuação do numero antecedente)

N.º 49

Brazão de armas com escudo esquartelado; no primeiro e quarto quartel as armas de Portugal, no segundo e terceiro quartel as armas do antigo reino de Castella e dous leões batalhantes.

Nota — Pedra solta com arabescos nas duas faces lateraes.

N.º 50

Idem como o anterior, mas de dimensões pouco menores.

Nota — Pedra solta com arabescos nas duas faces lateraes.

N.º 51

Escudo de armas prelaticias, assentes sobre uma almofada com borlas ao lado esquerdo.

Nota — Pedra solta que forma uma unica peça de esculptura delicada. Tanto esta, como as duas anteriores, são pedras que não estiveram encravadas, mas não sabemos d'onde vieram para o Museu, nem a que edificio pertenceram.

(Continúa)

J. M. do Carmo Nazareth.

UM MS. CURIOSO

Satisfazendo ao appêllo que temos feito e estamos constantemente fazendo, para os nossos assignantes e leitores d'esta revista nos proporcionarem, no interesse da historia e da archeologia, a reproducção de quaesquer manuscriptos, plantas, etc., envia-nos o sr. dr. Caetano Francisco Alvares da Costa, natural de Margão e delegado de saude em Valpoy, um curioso MS. in. 4.°, intitulado:

«VIDA E ACÇÕES | DO PADRE | PEDRO FERRÃO | Da Congregação do Oratorio de S. Filippe Neri da cidade de | Goa, Virtuoso, milagroso e famoso Missionario na Ilha | de Ceylão, hum dos ..... companheiros do | Veneravel Padre Joseph Vaas, natural de | Margão da Provincia de Salceite da | India Oriental, dominio | Luzitano, | Conforme a Chronica da mesma Congregação composta pelo Erudito Padre | D. SEBASTIÃO DO REGO, | Clerigo Regular da Divina Providencia, sendo filho da dita Congregação Goana. | —(Ornato á penna com uma cruz no meio)— | MDCCXCIX | 1749».

Estes ultimos algarismos indicam o anno em que se escreveu ou se completou a *Chronica* (ou *Chro-*

nologia, como no original d'ella se lia) *da Congregação*, e os precedentes algarismos romanos o anno em que se compilou o interessante excerpto.

O MS. tem uma outra pagina de titulo, quasi nos mesmos termos como o que reproduzimos da primeira,— accusa uma calligraphia regular, e está em varias partes roido pela traça. Além da vida e acções do padre Pedro Ferrão, contém varias noticias historicas locaes. Publical-o-hemos opportunamente em successivos n.os; no emtanto, manifestamos ao sr. dr. Alvares, que, segundo nos informam, é relacionado com a familia do padre Pedro Ferrão, os nossos vivos agradecimentos pela fineza de ter posto á nossa disposição tão valioso trabalho.

A. Commissão de Redacção.

O ORIENTE PORTUGUEZ

REVISTA DE ARCHEOLOGIA

Fundada em 1904

Esta Revista, de que já está publicado um volume no anno findo, é orgão da *Commissão permanente de archeologia da India Portugueza*. Publica-se em numeros de 24 paginas ou mais. Doze numeros formarão um volume, com o seu frontispicio, indices e capa especial.

Preço de cada n.º avulso ..... 0:05:06 — 137½ réis de Portugal
Preço de cada n.º por assignatura. 0:04:06 — 112½ réis de Portugal

---

ASSIGNATURAS

Envia-se cada numero pelo correio aos assignantes acrescendo a importancia dos sêllos.

É agente d'esta Revista em Lisboa a «Antiga Casa Bertrand, José Bastos, livreiro-editor», Rua Garrett, 73 e 75.

AVISO

Solicita-se de todos os nossos assignantes e leitores d'esta revista, a fineza de nos proporcionarem a leitura, analyse, e reproducção de quaesquer obras litterarias, manuscriptos, etc., plantas, quadros, aguarellas, photographias, desenhos, etc., de valor archeologico, sua propriedade ou que possam obter por emprestimo, os quaes serão cuidadosamente respeitados e restituidos. Aos referidos assignantes e leitores, que se dignarem satisfazer a este appello, serão manifestados os merecidos agradecimentos nos numeros d'esta revista.

De todas as publicações litterarias e scientificas, de que a commissão de redacção receber um exemplar, far-se-ha menção na Revista.

CORRESPONDENCIA

Toda a correspondencia litteraria, bem como os originaes destinados á publicação n'esta Revista, serão dirigidos a qualquer vogal da commissão de redacção, ou ao secretario da commissão permanente de archeologia, José Maria do Carmo Nazareth — Nova Goa; — sobre assumptos de administração, dirigir-se-ha a correspondencia á *Imprensa Nacional*.